



3 DE FEVEREIRO

«Nasci em Junho de 1920 numa aldeia do sul de Moçambique, que nessa altura pertencia ao distrito do Chibuto, mas que foi agora reclassificada no distrito de Mandlakazi, na província de Gaza. O meu pai (Nwadhane Mussengane Mondlane) e minha mãe (Makungu Muzamusse Bembele) eram ambas pessoas tradicionais, pertencendo à cultura da velha África, sem nenhum contacto significativo com quaisquer sistemas da vida da Europa Ocidental tal como o cristianismo, não sabendo nem ler nem escrever. Pelo contrário, eram crentes inabaláveis da religião tradicional dos povos da África Austral, isto é, veneravam ou adoravam os seus antepassados. O cultivo da terra, incluindo a criação de gado, era o seu meio de subsistência.

A minha infância foi portanto passada nös campos e pastagens, guardando vacas, carneiros e cabras, como centenas de crianças da mesma idade. O contacto real com o mundo dos homens, como era hábito na tradição da África Austral, foi feito durante este período que durou dos cinco aos 12 anos de idade. Como muitos de nós, o meu engajamento contra o colonialismo sob uma ou outra forma data da minha infância.

Éramos 15 irmãos, dos quais só quatro da mesma mãe. Os outros eram meios-irmãos e irmãs, pois o meu pai tinha três mulheres, sendo a minha mãe a terceira.

Os meus pais morreram ambos quando eu era ainda bastante no-

Eduardo Mondlane por ele próprio

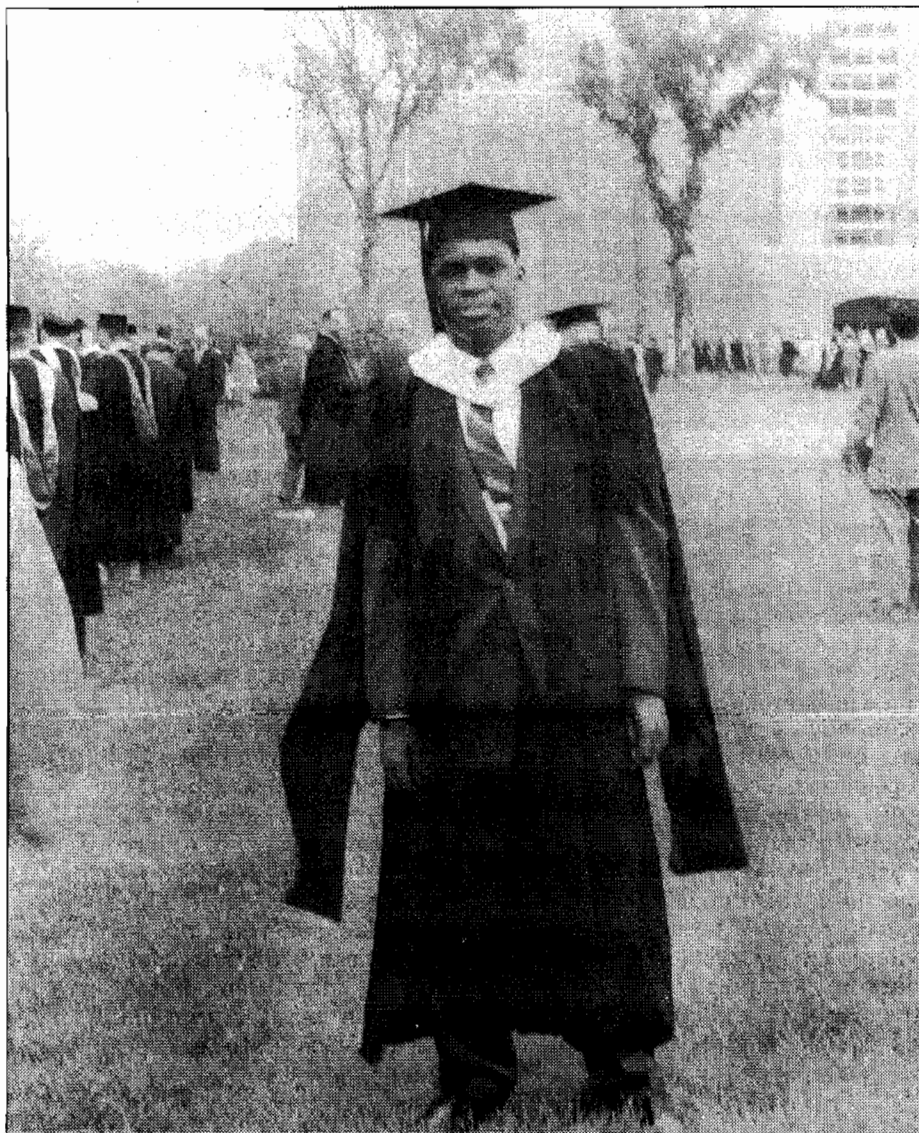
vo, tendo o meu pai morrido quando eu tinha apenas dois anos e a minha mãe quando eu tinha 13. Iniciei a vida como a maioria das crianças moçambicanas, numa aldeia e até aos dez anos de idade passei os dias (...) absorvendo as tradições da minha tribo e da minha família.

O facto de ter ido à escola deve-se à lucidez da minha mãe, que

era a terceira e última esposa de meu pai e uma mulher de considerável carácter e inteligência. Ao tentar continuar os meus estudos após a escola primária, eu sofri todas as frustrações e dificuldades que uma criança que procurasse penetrar no sistema colonialista necessariamente sofria.

A minha educação ocidental foi adquirida através de escolas Cal-

No fim dos estudos superiores nos Estados Unidos



vinistas suíças, a nível primário e secundário, tendo frequentado as escolas oficiais portuguesas, durante alguns anos, num período compreendido entre a instrução primária e secundária. Contudo, a minha educação secundária teve que ser completada no Transvaal, África do Sul, depois do governo português ter impedido a minha entrada em qualquer escola secundária ou profissional moçambicana. Entre a escola primária e a secundária frequentei um curso agrícola prático de dois anos, numa escola da Missão Metodista Americana, onde aprendi como cultivar em áreas de pouca chuva.

Continuei os meus estudos na África do Sul, tendo entrado para a «Jan H. Hofmyr School of Social Work», em Joanesburgo (1948), depois fui para a «Witwatersrand University» (1949-50), onde tomei contacto com as ciências sociais. No entanto, pouco tempo depois antes de fazer os meus exames do segundo ano, fui expulso da África do Sul, pelo dr. François Malan do governo Nacionalista, cerca de um ano depois deste ter tomado o poder. Depois de deixar a África do Sul, consegui uma bolsa de estudo do «Phelps Stokes Fund» de Nova Iorque que

me permitiu frequentar a Universidade de Lisboa, em Portugal. Mas a constante perseguição política que a maior parte dos estudantes africanos sofria em Lisboa, nesse tempo (1950-51), obrigou-me a procurar outro país onde pudesse continuar os meus estudos universitários mais calmamente.

Assim fiz, e de 1951 a 1956 frequentei o «Oberlin College», em Ohio e a «Northwestern University», em Evanston, no Illinois, onde obtive o bacharelato, a licenciatura e o doutoramento em sociologia e antropologia.

As Nações Unidas convidaram-me para um lugar no Departamento de Protectorados em 1957, como investigador, ligado aos territórios dos Protectorados do Tanganhica, Camarões Ingleses e o Sudoeste Africano. A minha responsabilidade principal era preparar textos básicos sobre o desenvolvimento social, económico e político nestes territórios para o Conselho do Departamento de Protectorados.

Entretanto mantive-me sempre tanto quanto possível em contacto com os acontecimentos em Moçambique e convenci-me gradualmente através do que sabia e conhecia e por esporádicos contactos

através da ONU com diplomatas portugueses que as pressões normais políticas ou a simples agitação não afectaria a posição portuguesa.

Em Fevereiro de 1961, fui a Moçambique após dez anos de ausência. Se bem que a minha visita fizesse parte das férias concedidas pelas Nações Unidas consegui estabelecer alguns contactos significativos com as massas africanas e auscultar os seus sentimentos no que respeita a uma independência do jugo colonialista português. Foi depois desta viagem que definitivamente decidi deixar as Nações Unidas e regressar a África para organizar o movimento de libertação nacional incitando o povo de Moçambique para uma luta de independência. Por essa altura já conhecia o dr. Julius K. Nyerere que já há alguns anos vinha aos Estados Unidos, como petiçãoário. Ele assegurou-me que se eu fosse para o Tanganhica, depois da independência, o seu governo facilitar-me-ia o meu trabalho na organização de um movimento para a independência de Moçambique.

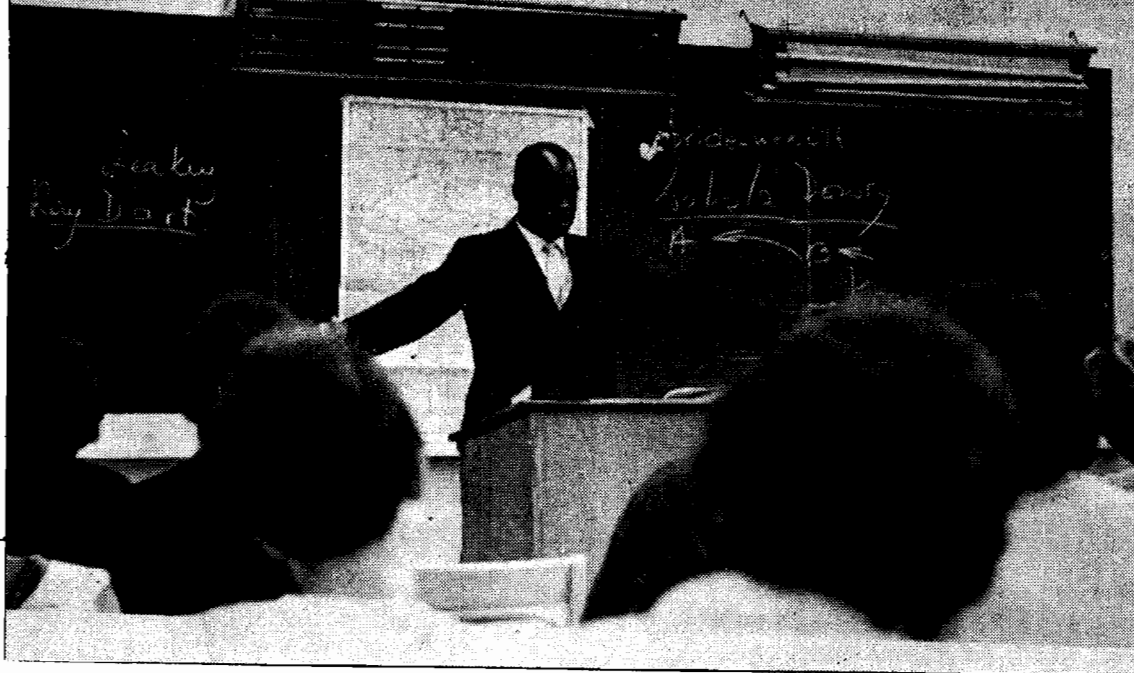
Assim, em 1961, cerca de seis meses antes da independência do Tanganhica, deixei as Nações Unidas e aceitei, temporariamente, o cargo de professor na «Syracuse University», em Nova Iorque. Pouco tempo depois da independência do Tanganhica, escabeleci contactos com muitos milhares de moçambicanos que estavam como refugiados na África Oriental e concordámos em fazer uma conferência em Dar-es-Salaam, em Junho de 1962, para formar um movimento nacionalista unido. Foi nessa conferência que fui eleito Presidente da Frente de Libertação de Moçambique.

Eu estabelecera contactos com todos os movimentos e partidos que por essa altura se tinham já formado para lutar contra o colonialismo em Moçambique, mas tinha recusado, juntar-me a qualquer deles separadamente e encontrara-me entre aqueles que procuravam por todas as formas conseguir que eles se unissem em 1961 e 1962.

Os moçambicanos que em 1962 se reuniram em Dar-es-Salaam, representavam juntos todas as re-



Mondlane com colegas africanos na «Northwestern University», Estados Unidos, em 1954



No «Oberlin University», Chicago

giões de Moçambique e todos os sectores da população. Quase todos tinham alguma experiência de resistência contra o colonialismo e tinham sofrido as represálias que normalmente se seguiam a esse facto. Tanto no interior como no exterior do país as condições eram favoráveis para a luta nacionalista. O nosso problema era se nós seríamos capazes de utilizar juntos essas vantagens de modo a tornar o nosso movimento forte em todo o país e capaz de levar a cabo uma acção efectiva contra os portugueses, uma acção que ao contrário dos esforços isolados pudessem afectar os portugueses mais do que nos afectaria a nós.

Após Setembro de 1962 nós tínhamos um só partido e as bases de uma política, mas estávamos ainda muito longe de uma luta de libertação nacional. Foram necessários dois anos de trabalho incessante e muito duro, planeando e aprendendo com os nossos erros e falhanços antes de estarmos aptos para nos lançarmos decididamente no caminho da libertação. No primeiro Congresso da FRELIMO, os objectivos do partido foram definidos: (...) podem ser sumarizados como sendo consolidação e mobilização; preparação para a guerra; educação e diplomacia.

Após a minha eleição para a chefia da FRELIMO, pedi a demissão do meu cargo de professor na «Syracuse University» e regresssei à África Oriental, em Março de 1963. Desde essa altura que

trabalho com os milhares de nacionalistas moçambicanos que estão engajados na libertação do meu país.

Casei em 1956 com Janet Rae (Johnson), que foi minha colega na «Northwestern University». Temos três filhos.

Eduardo Chivambo Jr., de 8 anos e meio de idade, Jennifer Chude, de sete anos e meio e Nyelete Brooke, de quatro (um rapaz e duas raparigas).

Talvez queiram saber quando é que me interessei por política pela primeira vez. Eu localizo o meu interesse por política na minha primeira infância, quando minhas mães (*) costumavam falar acerca da opressão sob a qual viviam, perpetrada pelos colonialistas portugueses. Lembro-me claramente das muitas ocasiões em que os meus irmãos tiveram que fugir para a África do Sul, para evitar serem forçados a trabalhar para os agricultores locais portugueses ou para os donos das plantações, ou ainda para o próprio governo, por salário irrisório. Consequentemente, passei a maior parte dos meus primeiros anos de infância sem qualquer contacto com os meus irmãos mais velhos. As mulheres deixadas em casa tinham que prover a si próprias o melhor que podiam. Elas foram várias vezes presas e mandadas para a cadeia pelas autoridades portuguesas, porque os filhos que estavam

na África do Sul não mandavam os seus impostos anuais.

O meu interesse real no tipo de educação ocidental foi estimulado pela minha mãe que insistia em que eu fosse para a escola para compreender a feitiçaria do homem branco, para assim poder lutar contra ele. A minha mãe disse-me isto tantas vezes que, apesar de ela ter morrido quando eu tinha apenas 13 anos, posso ainda ouvir a sua voz repercutindo nos meus ouvidos.

O desejo de combater (...) e libertar o meu povo foi intensificado depois de eu ter sido expulso da África do Sul em 1949. Foi durante esse tempo que organizei a primeira União dos Estudantes Moçambicanos (...) cujos dirigentes foram aprisionados pelo governo fascista português.

Apesar de eu gostar da vida universitária acima de qualquer outra coisa no mundo, decidi dedicar o resto da minha vida à luta de libertação até à independência do meu país. Acredito nisso pois o povo de Moçambique está agora preparado para lutar pela sua liberdade e será livre, não obstante as tentativas que o governo português e os seus aliados imperialistas possam fazer para o impedir».

(*) «Minhas mães». Refere-se à mãe e às outras mulheres de seu pai.